

Didier Fiúza Faustino com a **arq./a**

«Disfuncionalidade à escala colectiva»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
MARGARIDA VENTOSA

Didier Fiúza Faustino / Bureau des Mésarchitectures desenvolve uma actividade nos limites e fronteiras da arquitectura. A sua forma de estar não se coadugna com compromissos e consensos de circunstância. O seu trabalho, com os seus modelos críticos e irónicos, só pode ser por isso directo e conciso. Esta telegráfica entrevista feita por e-mail é um reflexo explícito dessa atitude.



Contentor Humano *Body in Transit*, 2000



Ponto de encontro vertical *Torre Misfit*, Anyang, Coreia do Sul, 2005

arq./a: É “Hygienapolis” uma caracterização extrema do modelo universal de urbanização das sociedades tardo-capitalistas?

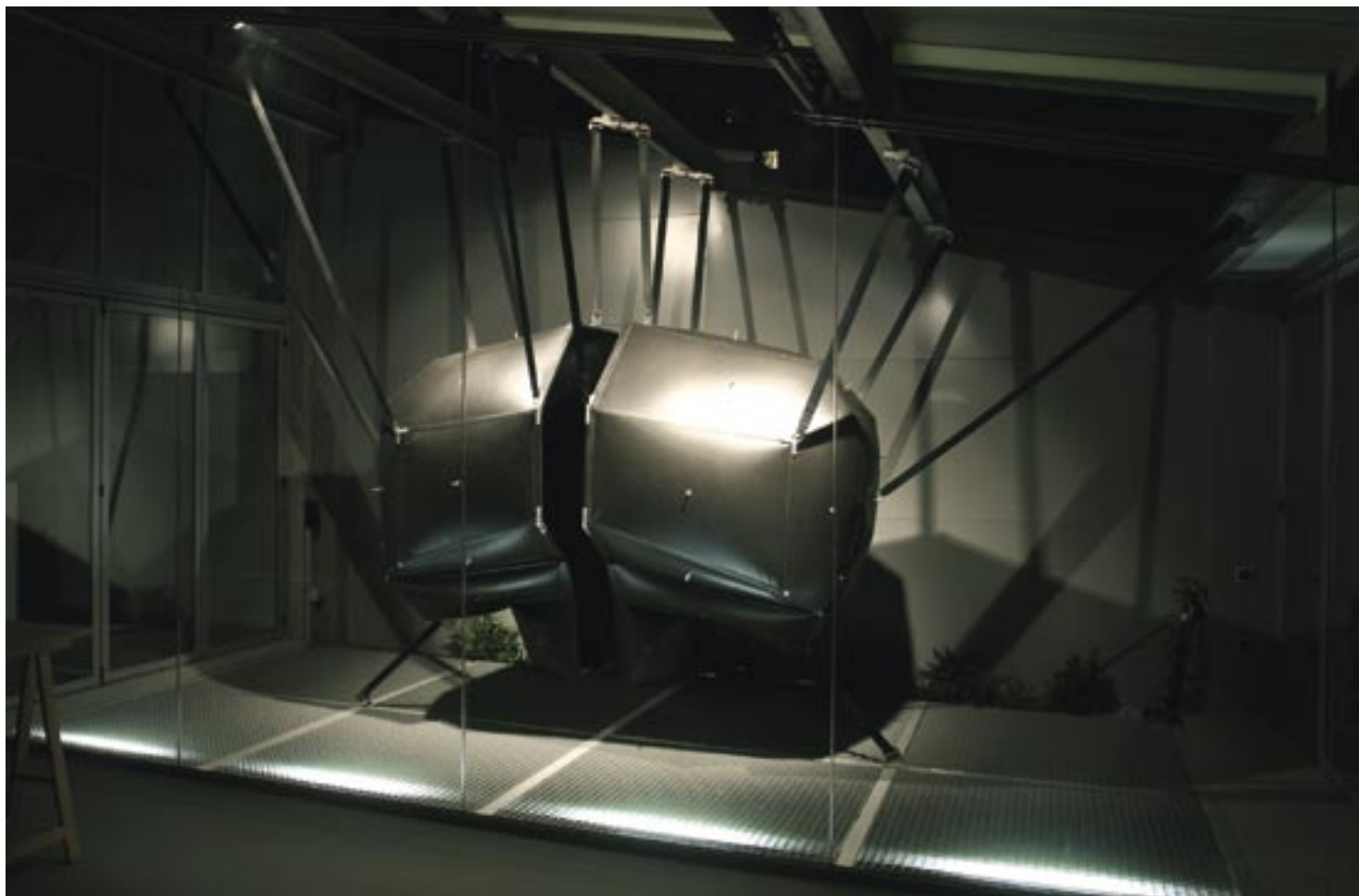
Didier Fiúza Faustino: A ideia de Hygienapolis está mais ligada a uma cidade na qual toda a forma de desregulamento seria banida. Cidade fixa no tempo sem passado nem futuro, cidade de corpo sobre-estetizado da qual não se aceitaria qualquer fraqueza... Uma metáfora para as cidades das nossas sociedades que envelhecem. A resposta a estas cidades seria a produção de “mésarchitectures” (más-arquitecturas).

arq./a: Aproxima-se de uma concepção mais livre e espontânea da subjectividade, pressentindo-se uma grande proximidade às ideias de “economia libidinal” de Lyotard e de “máquinas desejantes” de Deleuze e Guattari. No seu entender, o que caracteriza a subjectividade contemporânea?

DFF: Penso que a noção de objectividade é um chamariz. A ideia mesma de subjectividade está inerente a toda a produção artística / arquitectónica.

arq./a: Tendo em conta que “não há pensamento sem corpo”, afirmou que “nesta era dos novos media e das redes de comunicação, devemos reclamar a nossa consciência do mundo físico”. Interessa-lhe a exploração conceptual do corpo do ponto de vista do desvio e da disfunção?

DFF: Sim, a disfuncionalidade está na base das nossas pesquisas. Para nós trata-se de produzir propostas onde isto é possível.



Sala de Conversação Mínima *Zentral Nerven System*, Marselha, França, 2006

arq./a: No âmbito das suas investigações do corpo, trabalha nos seus projectos tanto a ideia de isolamento como de intersubjectividade, falando mesmo da “arquitetura enquanto segunda pele”. Procuram as propostas explorar formas de comunicação limite perante a incomunicabilidade generalizada?

DFF: A prática solitária do espaço parece-nos demasiado limitada. O que nos interessa é a disfuncionalidade à escala colectiva quando esta produz trocas, uma certa forma de animalidade. A hiper-comunicação que caracteriza as nossas sociedades é vazia de conteúdo, confina os corpos em sistemas de isolamento, nos quais as únicas trocas possíveis não irão para além de sistemas de negociação sem espontaneidade. O que tentamos fazer é produzir situações que activem o encontro entre corpos.

arq./a: Defende intransigentemente a prevalência do “corpo colectivo” sobre o “corpo individual”. Como acredita que podemos reactivar e intensificar o espaço público?

DFF: Pela disfuncionalidade: “Un coup de dés jamais n’abolira le hasard” (Stéphane Mallarmé).

arq./a: Interessou-se particularmente pelo “corpo clandestino”, por exemplo, em “Body in Transit” e “Casa Nostra”. Qual o impacto das questões sociais da emigração, da exclusão e consequentemente da periferia no pensamento arquitectónico?

DFF: A questão é recorrente, o centro não existe. É *cosa mentale* como toda a produção arquitectónica.

arq./a: “Stairway to Heaven”, “Temporary Autonomous Zone”, “Fight Club” e “(G)host in the (S)hell” apresentam-se como espaços autónomos entre a libertação e a coerção, entre a sublimação e a violência.

São estas propostas radicais provocações às concepções e metodologias convencionais do urbanismo?

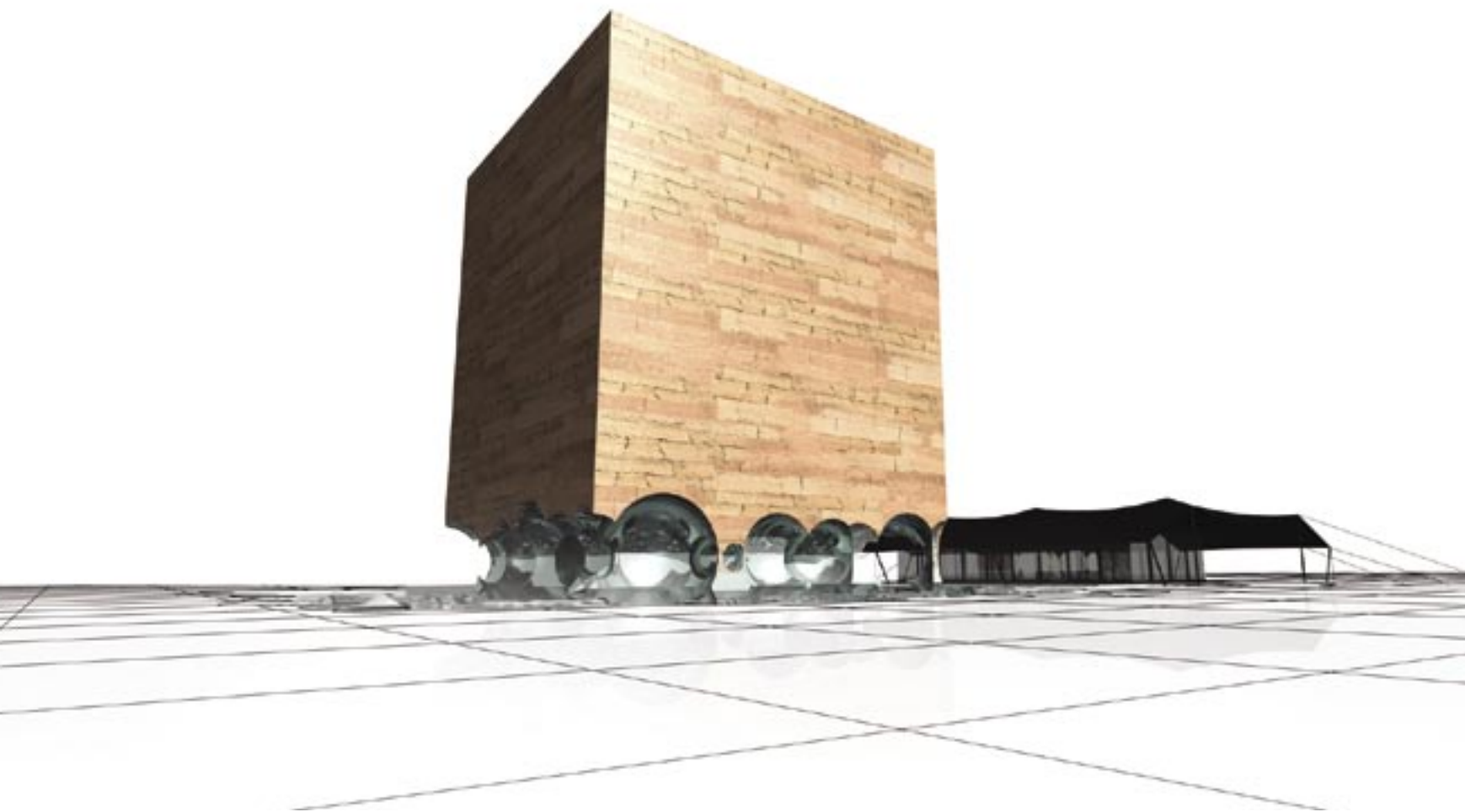
DFF: São tentativas de desregulamento da mão do poder sobre o espaço público.

arq./a: Nos anos 80, Foucault definiu a ideia de “heterotopia” como a emergência de “outros espaços”, realidades alternativas que emergiam na realidade a partir do colapso da utopia. Poderemos considerar os seus projectos como “heterotopias” no âmbito de uma condição existencial pós-utópica?

DFF: É o que eles tentam ser modestamente.

arq./a: Na Plataforma das Artes de Cherbourg, talvez o projecto mais abrangente do percurso do atelier, conjugou-se um projecto arquitectónico afirmativo, um contexto físico real, uma realidade social específica, uma dimensão participativa dos intervenientes e uma perspectiva interventiva da arte. Encontra neste projecto o exemplo paradigmático da vossa posição disciplinar?

DFF: Talvez. A questão disciplinar nunca nos cativou. Preferimos a questão da indisciplinaridade.



Centro de Arte e Residências *The Mirage*, Dar El Sadaka, Marraquexe, Marrocos, 2006

arq./a: Reclama o direito de questionar “o próprio fundamento dos programas que nos são propostos e nos quais nos pedem para trabalhar” e de “reflectir e de emitir novas hipóteses sobre o modo de construir”. É esta posição crítica de base que confere uma dimensão estruturalmente política às vossas intervenções arquitectónicas?

DFF: Penso que sim. Mas não devemos esquecer que o acto próprio de se questionar é já político em si.

arq./a: O Bureau des Mesarchitectures emerge recorrendo à ideia de “laboratório”, assente numa “organização multicéfala”. Como definiria disciplinarmente o campo de acção e modo operativo do atelier?

DFF: O caos necessário é suficiente.

arq./a: São conhecidas as vossas influências vindas de campos exteriores à arquitectura, nomeadamente a filosofia, a literatura, as artes plásticas, o cinema, a banda desenhada, a música, etc. De que forma é que este substrato cultural é convocado e atravessa o processo projectual? O que quer dizer quando afirma que “a forma segue a ficção”?

DFF: Existe sempre um contexto e é necessário um pretexto para produzir um texto. “Welcome to the jungle” (Guns & Roses).

arq./a: Apesar da base crítica e irónica das vossas propostas, os desenhos e perspectivas não deixam de apresentar paradoxalmente uma dimensão realista e mesmo sedutora. É essa ambiguidade deliberada e intencional?

DFF: Qualquer ficção necessita um modo de representação que deve ser em si próprio assumido.

arq./a: Ao mesmo tempo que desenvolvem projectos mais conceptuais, têm participado em concursos de arquitectura, como a Cidade Internacional do Design, o Centro de Arte Contemporânea em Kitakyushu, o Low Cost Office Building ou o Centro de Arte em Marrakech.

Exigindo uma resposta mais disciplinar e construtiva, como têm nestes projectos negociado os extremos inerentes a uma perspectiva simultaneamente crítica e pragmática?

DFF: Estas quatro propostas não diferem das outras na abordagem. Mas sendo as resposta mais complexas poderão parecer menos frontais.

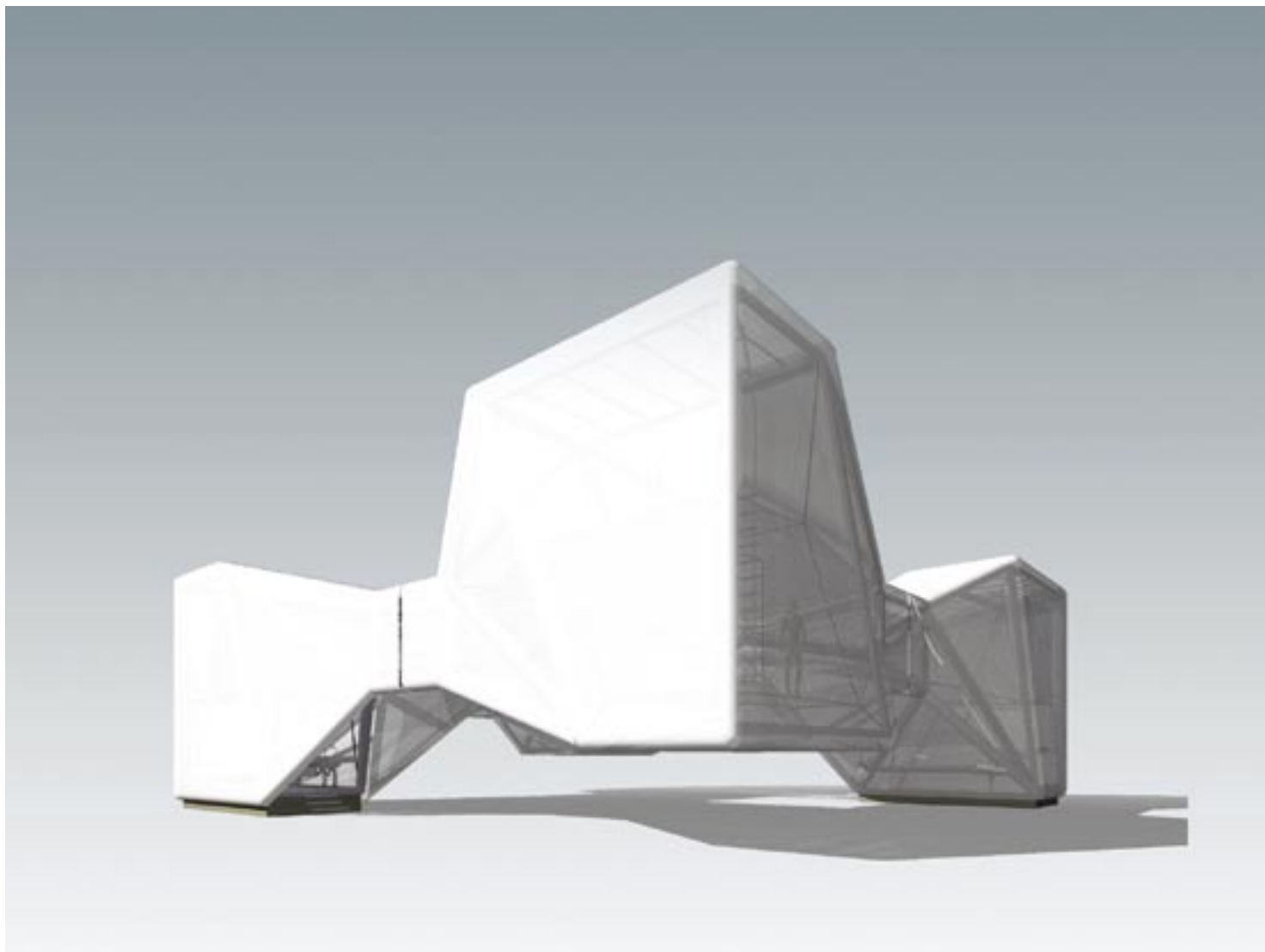
arq./a: Tendo em conta a desconstrução constante das fronteiras disciplinares e a desmultiplicação das suas valências profissionais (arquitecto, artista, teórico, editor, curador, conferencista, etc), no seu entender, o que caracteriza hoje especificamente a actividade do arquitecto?

DFF: Provavelmente a complexidade e a dúvida.

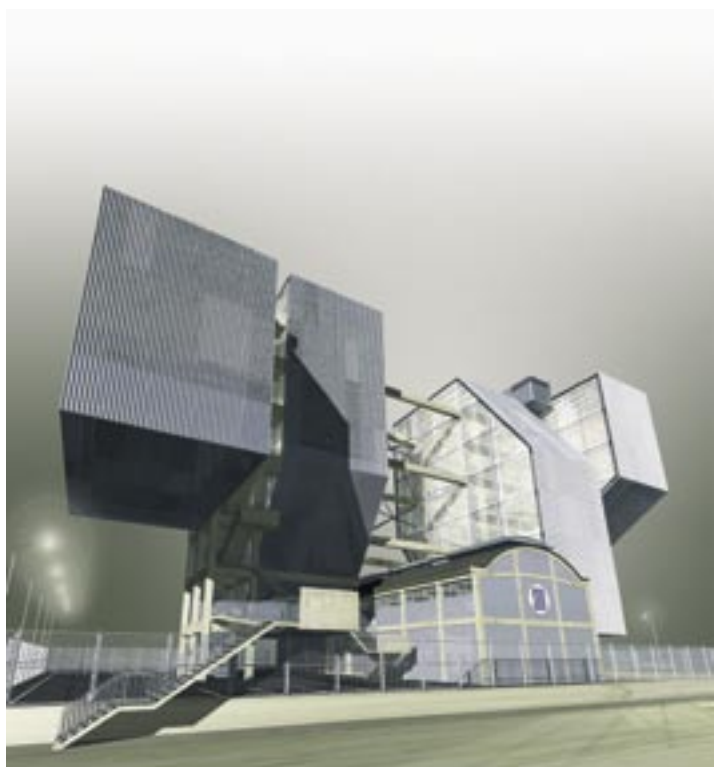
arq./a: Em 2000, Marie-Hélène Fabre definia-o como “agente provocar”. Que alcance e impacto pode ter hoje uma prática eminentemente crítica e subversiva?

Ainda é possível acreditar no campo da arquitectura na conciliação da arte com a vida?

DFF: *Ni dieu ni maître.* ■



Abrigo de Amor *Porcelain Bunker*, Fátima, Portugal, 2006



Edifício Incubadora *Low Cost Office Building*, Lyon, França, 2005



Ampliação Centro Arte Contemporânea *CCA LAB*, Kitakyushu, Japão, 2005